

DADOS ENCICLOPÉDICOS E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM BRASILEIRA EM DICIONÁRIOS DO SÉCULO XIX

André Crim Valente*

Laura do Carmo**

RESUMO: *As edições do dicionário de Antônio de Morais Silva são precursoras no registro de brasileirismos. Os novos verbetes e a forma de apresentação das informações neste gênero de texto vinculam-se às condições de produção da obra e às práticas editoriais e lexicográficas de cada época. Os conteúdos enciclopédicos acrescentados às definições alteram-se de uma edição para outra, dando outro tipo de visibilidade ao Brasil. É nesta categoria de dados que se entrevê a posição dos editores e alguns critérios de seleção de conteúdos. Tais reflexões são parte do estudo dos brasileirismos por dicionários de língua portuguesa no século XIX.*

PALAVRAS-CHAVE: *dicionários; Brasil; informação enciclopédica.*

ABSTRACT: *The editions of Antonio de Morais da Silva's dictionary are pioneer in the register of Brazilian vocabulary. The new entries and the means of presenting this kind of text information are linked to the conditions of production and to the editorial and lexicographical practices correspondent to each time. The encyclopedia's contents added to the definitions differ from one edition to another, which gave a new visibility to Brazil. In this data category we can see the editors' position and some criteria on selecting the contents. These reflections are part of the study about the register of the Brazilian vocabulary in Portuguese language dictionaries in XIX century.*

KEYWORDS: *dictionary; Brazil; encyclopedic information*

Este trabalho é parte das reflexões e conclusões de uma tese de doutoramento que versa sobre registro dos “termos do Brasil” em dicionários de língua portuguesa, gerais e monolíngues, publicados no século XIX. As conclusões da tese

* Doutor em Letras Vernáculas e professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

** Doutora em Língua Portuguesa e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ).

foram obtidas por meio de amostragem: todos os verbetes iniciados pela letra “c”, assinalados como sendo de uso ou origem brasileira, excetuando-se animais e plantas. Foi possível identificar quais títulos e edições trazem contribuições nesse sentido e que fontes lexicográficas foram utilizadas para a inclusão do léxico brasileiro nos dicionários (CARMO, 2015). As pesquisas em outros segmentos da *nominata* têm comprovado os resultados alcançados por meio desse enfoque.

OS DICIONÁRIOS ESTUDADOS

Três edições do dicionário de Antônio de Moraes Silva são as que promovem o registro de novos verbetes, acepções e informações sobre o Brasil na macro e microestrutura: a quarta, de 1831 (MS4); a sétima, de 1877-1878 (MS7); a oitava, de 1889/1890-1891 (MS8).

A edição de 1831 é a última na qual colaborou o autor e a última em que a concepção da obra teria sido seguida com critérios mais rigorosos. Moraes morreu em 1824, mas deixou correções e adições ao texto da segunda edição (1813). Essas anotações foram incorporadas ao dicionário nesta quarta edição, que é a primeira a conter o trabalho de um lexicógrafo que, além de natural do Brasil, já morava aqui de torna-viagem há quase três décadas. Conforme se verá mais adiante, os textos definitórios evidenciam o local em que se encontrava o seu autor.

A sétima edição inicia novo ciclo, no qual se insere a atenção explícita ao Brasil: “muito acrescentada com grande numero de termos novos usados no Brasil e no portuguez da India”. Essa edição vale-se da recolha contida no *Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da língua portugueza*, de Braz da Costa Rubim, publicado em 1852. Os textos dos novos brasileirismos são praticamente idênticos aos do citado vocabulário e, do conjunto de novas entradas e acepções de MS7 na letra “c”, apenas quatro são inéditas. A sétima edição foi um sucesso de público no Brasil.

Segundo informa o prefácio da oitava, “cinco sextas partes do total da 7ª. edição” foram “colocadas” (postas à venda) no Brasil. A oitava edição é publicada pela Empreza Litteraria Fluminense, com sede do Rio de Janeiro. O texto “Ao Publico”, que apresenta o livro, estende-se em considerações acerca da importância do público-leitor brasileiro. Seus editores certamente utilizaram-se do *Diccionario dos vocábulos brasileiros*, de Beaurepaire-Rohan para coletar novos verbetes e acepções. (Dos novos itens lexicais dicionarizados na letra “c”, apenas 13 não estão no referido dicionário de brasileirismos.)

Este texto terá como foco a seleção das informações enciclopédicas sobre o Brasil nessas três edições do dicionário de Moraes.

INFORMAÇÕES LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS

As definições lexicográficas mesclam informações de caráter linguístico ou lexical (que esclarecem o significado do termo) e extralinguístico ou enciclopédico (que versam sobre a coisa definida, sobre a realidade em que ela se insere, etc.). Não é simples distinguir a natureza dessas informações, e esta não parece ser uma preocupação dos redatores dos dicionários que estudamos. Dados considerados excedentes para a descrição linguística podem ser os que respondem da melhor maneira às necessidades dos usuários, no sentido de relacionar palavra e coisa (WERNER, 1982, p. 282-285). A descrição enciclopédica, por seu caráter amplo e diversificado, “carrega traços relevantes e irrelevantes na caracterização de uma ‘palavra’ ” (FINATTO, 1998, p. 2).

No contexto dos dicionários, especializados ou lexicográficos, a definição pode ser vista, de modo restrito, apenas como o segmento que compreende a menção de um *gênero próximo* e de uma *diferença específica*, mas também como a totalidade de um conjunto de informações que inclui comentários, instruções e descrições relativas ao termo ou palavra-entrada. (grifo no original)

Nos exemplos¹ a seguir (*caičara*, *caipora* e *múrice*), os trechos negritados poderiam ser excluídos sem maior comprometimento da definição. Nos dois primeiros, as informações enciclopédicas auxiliam na relação entre palavra e

¹ A transcrição dos verbetes é diplomática (manteve-se itálico, uso de maiúsculas, abreviaturas). O itálico é sempre do original transcrito. Negrito e sublinha são realces deste texto.

“coisa”. No primeiro (*caiçara*), a indicação do modo de usar a armadilha pode ser o meio de fazer o consulente relacioná-la a algo por ele conhecido e a diferenciá-la de tantas outras armadilhas de pesca. No segundo (*caipora*), a informação enciclopédica é quase um equivalente semântico, de acordo com a interpretação popular para um fenômeno natural (*caipora* é o mesmo que fogo-fátuo que, para o vulgo, é o mesmo que alma penada). No terceiro, a palavra *múrice*, designativa de certo molusco encontrado em diversas regiões do globo, produtor de secreção usada como tintura, e nomeado por palavra que existe na língua desde o século XIV, é trazida para contexto bem específico: o fato de esses moluscos serem encontrados na praia de São Bento e na praia de *Villegagnon*, no Rio de Janeiro. Esse dado diz mais sobre o Rio de Janeiro do que sobre o caracol. Poderia, portanto, ser eliminado do verbete, sem comprometer o seu entendimento (exceto, talvez, para o frequentador, à época, dessas duas praias cariocas).

CAISSÁRA, s. f. (t. de Pernambuco) [...] § Espécie de armadilha para pescar; é feita de ramagens, que se lançam no fundo da água: **o peixe, vindo esconder-se ahi em cardume, é facilmente pescado ao anzol.** (MS8)

CAIPÓRA, s. f. t. do Brazil: Lume fatuo, que apparece nas mattas; e **o vulgo diz que são almas de caboucos mortos sem baptismo.** § *it.* O que não tem felicidade nos seus negocios. (MS7)

MÚRICE, s. masc. Caracol marinho, que tem uma como veyra esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se faz verde, e depois purpúreo, e não se tira com a lavagem: **no Rio de Janeiro os**

há na praya detrás de S. Bento, e na do Villagaillon. *Cam.* “o múriceexcellente”: “a tinta que no muricëe se cria” Id. (*Feijó das especies perdidas*). (MS4)

AS ESCOLHAS TEMÁTICAS NAS TRÊS EDIÇÕES

A transferência de atenção dada a um ou outro grupo temático, especialmente em MS4 e MS8, é reveladora de interesses e informações que se tinha sobre o Brasil, assim como sobre campos semânticos a que foi dado maior destaque. É natural que assim seja, pois são elaborados sob diferentes perspectivas históricas, editoriais e, de certo modo, lexicográficas.

Na quarta edição (MS4), as informações enciclopédicas com conteúdos relativos ao Brasil gravitam em torno de usos, fabricos e características de utensílios, de hábitos e aspectos de regiões e da população, da localização geográfica dos eventos, do aproveitamento prático que se faz da flora.

AMASSÁDO, p. pass. de Amassar. [...] § Aboleimado: “rosto *amassado*” **que não tem as feições bem avultadas, nem ressaltadas, como os Índios do Brasil commummente**. B. 1. 5. 2. Luc. 10. 19. “narizes – ” § [...] (MS4)

BALÁIO, s. m. Especie de cesta de palhinha, de que usão as saloyas; **outros há que vem do Brasil, matizados de cores, de palha mais grossa, para varios usos**. *Leão, Orig. c. 5.* “alquicé, filele, balaio.” (balayo.) (MS4)

CABACÍNHO, s. m. Fruto de uma planta trepadeira; é oval, liso por fora, [...]; **no Brasil, onde se dá, a empregão a beneficio dos hydropicos, gallicados, etc.** (MS4)

CANBÁS, s. m. pl. Canbáses. Arma defensiva, ou coberta de corpo [...] assim como os coletes defensivos feitos de muitas folhas de tafetá, **como os Índios do Brasil os fazião de teya d’algodão batido**, e como em Europa os caçotes de canhamaço: V. Caçote, e Saltimbarca. (MS4)

DERRAMA, s. f. Finta para se perfazer a quebra, ou falha, que teve certa renda, ou tributo que se deve. **Leis sobre o Quinto das Minas do Ouro.**Faz-se por todos os obrigados ao imposto. (MS4)

ESTÓPA, s. f. A parte mais grossa do linho [...]. fig. o cairo do côco, e semelhantes materias filamentosas, ducteis para se fiarem, **como certas embiras do Brasil, as quaes amassadas servem como estopa nos calafetos**, etc. §. [...] (MS4)

TROPÊIRO, s. m. Homem que viaja com cavalgaduras de carga, e cafila, v. g. **no caminho das Minas do Brasil para os portos do mar**, etc. (MS4)

As informações de caráter linguístico são eventuais. Em *tapera*, o lexicógrafo contrapõe-se à opinião de uma das autoridades máximas da língua, o padre Antônio Vieira, sobre a pronúncia dessa palavra tupi. O exemplo ilustra outra peculiaridade que permeia a redação de verbetes a que são acrescentados dados sobre o Brasil: a indicação do posicionamento geográfico do dicionarista (o que não condiz com o caráter impessoal que deve caracterizar o texto lexicográfico). Essas marcas explícitas são paulatinamente alteradas nas edições posteriores, sobretudo aquelas em que as informações são dadas na primeira pessoa. Nesse caso, só em MS8 o “sempre ouvi dizerem no Brasil” será substituído por “No Brazil diz-se”.

A definição de *enraizar* é excessiva em detalhes sobre o plantio da cana-de-açúcar² (ver trecho sublinhado), como se fosse verbo aplicado somente ao enraizamento dessa planta. A acepção genérica “lançar raízes” é deixada para segundo plano e pode passar despercebida pela ausência do sinal §, que indica o início de nova acepção. Em MS7, o ordenamento dos sentidos se altera, assim como a construção discursiva em primeira pessoa.

TAPERÁ, s. f. Brasil. Quinta, ou fazenda, [...] Nos *Serm. do Vieira*, grande mestre da lingua dos Indios, *tom. 12, fol. 219* vem accentuadotápera; mas **sempre ouvi dizerem no Brasil tapéra**: “o Engenho Tapéra.” (MS4)

ENRAIZÁR, v. n. **Cá no Brasil dizemos que enraiza** a cana d’assucar quando dos seus gomos, ou nós delles lança raízes dentro da terra, ou com a humidade que polas folhas se ajunte nos nós das chuvas, ou cheias nos partidos; e quando cai na agua corrente: enraizaa estaca da maniva plantada, ou o ramo dentro da sua moquéca, etc. lançar raízes fóra de si, ou raigotas, estar *enraizado*. (MS4)

O destaque para certos conteúdos ou áreas de interesse pode ser observado também nos exemplos de uso criados pelo dicionarista e nas abonações coletadas em textos de outros autores.

COLONISADÒR, s. ou adj. m. O que levou, ou mandou colonias. **“Os donatarios, e colonisadores do Brasil.”** (MS4)

CONFLUÈNCIA, s. f. O lugar onde se ajuntão dois, ou mais rios: v.g. na confluência **do Madeira, e rio Negro**. § [...]. (MS4)

² Desde a segunda edição do dicionário de Moraes, a terminologia relativa ao cultivo, produção e comercialização da cana foi autorizada pela vivência do lexicógrafo em um engenho em Pernambuco (ver MURAKAWA, 2012).

ESTATÚTO, s.m. Ordenação, decreto, especialmente os que regulão em alguma corporação: v.g. os Estatutos da Universidade; da Junta do Commercio, **das Companhias do Brasil, etc.** §. [...] (MS4)

MURO, s. m. Parede, com que se cerca, [...] fig. um muro de cubas, tonees, cestões terraplenados. V. *Leão, Chron. J. I. c. 41.* “ – de cubas, e tonees” barricada. **“O Brasil estendendo-se por mais de mil leguas da costa, com tantos portos, e enseadas abertas, que não bastão para as guarnecer todos os soldados d’Europa, só com muros de paz se póde defender, e estar seguro”** *Vieir. 5. 449.* “muros de corações unidos” [...] (MS4)

O caráter excessivamente didático de alguns exemplos (como o de *armação* e *farçantear*) mostra características que a coisa descrita adquiriu no Brasil sem necessariamente esclarecer sobre o significado da palavra e das frases em que é empregada. Deixam, por conseguinte, de cumprir sua função: esclarecer sobre os contextos linguísticos em que o item lexical é empregado e/ou ajudar na apreensão do seu sentido. Assim, valem como nota para a inserção no território brasileiro da coisa ou circunstância definida. Acontece também de o lexicógrafo interferir na abonação, explicando que se trata de fato ocorrido em território brasileiro.

ARMAÇÃO, s. f. [...] §. Armação de pescaria; são as embarcações, as redes, caniçadas, e o mais que se arma, para pesca em grande “a armação das baleyas, dos charéos, etc.” **no Rio de Janeiro e na Bahia houve, e há armações de varios pescados com arpoadores, para os cetaceos, e redes cerqueiras para o chaco, etc.** [...] (MS4)³

FARÇANTEAR, v. n. [...] §. at. Representar ridicularizando, e como farça, arremedando, ou imitando ridiculamente. Os Dramaticos

³ Nas edições anteriores desse dicionário (1789, 1813 e 1823), a definição está um pouco diferente e sem os dados acerca das armações no Rio de Janeiro e na Bahia, o que ilustra a influência da vida no Brasil sobre a seleção de informações para o dicionário.

daquella era farçante avão a Paixão de Christo, o Dia de Juizo, e os Mysterios da S. Religião, **como nos presepios polo Natal ainda se vê em algumas terras do Brasil.** (MS4)

BAXÍO, s. m. Baxa ou baxo no mar, de areya. Vieira, 8, 54 “os baxios roncando ao perto”: “Muitos e cegos –, de que a Costa está cortada” idem 15. 21. **(do Maranhão ao Pará.)** (MS4)

INTENTÁR, v. at. [...] § -- todas as vias, de conseguir. *Eneida.* – discordias entre alguns, procura-las fazer, entremetter: -- a morte a alguem, etc. : “—a liberdade da Patria” *Port. Rest.* **(empreendendo a restauração de Pernambuco.)** (MS4)

Na sétima edição, embora muito acrescentada de termos brasileiros,⁴ há raros exemplos e abonações com referências ao Brasil e raras informações enciclopédicas que complementem os itens lexicais brasileiros. Entre as novas acepções e verbetes, poucos há com definições mais detalhadas (como a de *esgaravatana* e *cochonilho*)⁵ ou com abonação ou ilustração (como o provérbio em *açaí*). Ao que se depreendeu das comparações entre as obras, todos são adaptações ou transcrições do *Vocabulario* de Rubim.

AÇAHI, s. m. Fruto do açahizeiro. § Bebida refrigerante extrahida do açahi. § * **Prov. do Brasil: *Quem vem ao Pará parou e bebeu açahi ficou.*** (MS7)

ESGARAVATANA, s. f. t. do Brasil; Aljava das settas hervadas de diversas hordas de indigenas do Brasil, feita por duas peças de páo, coladas com cera, bem liadas com tiras da casca de certas plantas, e

⁴ Na lista de palavras iniciadas pela letra “c”, o número de itens lexicais brasileiros salta de 61 para 150, em relação à edição anterior, de 1858, sem considerar animais e plantas. Em MS4, este número é igual a 62.

⁵ Não é feita conexão com as formas variantes *esgarapatana*, *sarabatana* e *zarabatana*. Trata-se de termo de origem árabe (cf. Houaiss), que entrou na língua antes do século XVIII (*Nova Floresta*, 1706-1728, do padre Manuel Bernardes), para nomear instrumento similar ao dos indígenas brasileiros.

formando reunidas um canudo de dez até doze palmos de comprido.
(MS7)

A busca eletrônica nas três primeiras letras do primeiro e segundo volumes da sétima edição (letras a, b, c; e letras f, g, h)⁶ mostraram que, a esse respeito, MS7 reproduz com ligeiras modificações os comentários de MS4. Trazemos a seguir algumas das poucas adições inéditas de referências ao Brasil, seja como exemplo de uso ou como informação enciclopédica. Em *abarcar*, a definição “atravessar” é acrescida do equivalente “monopolizar” e inclui-se a abonação, extratada de Viera. Em *ametista*, comenta-se acerca da qualidade das pedras brasileiras.

ABARCÁR, v. a. [...] § fig. Atravessar, monopolizar: v. g. – *fazendas, Vieira, 8. 408. 2. “como se avia de restaurar o Brasil, se os mantimentos se abarcavão com mão del-Rei, e talvez os vendião seus ministros.”* (MS7)

AMETHYSTA, AMETHYSTE, s. f. ou AMETHYSTO, s. m. [...] Pedra preciosa, de còrrouxa [...] **As mais estimadas são as do Brasil, e Siberia.** [...] (MS7)

A incorporação de novas informações enciclopédicas sobre o Brasil tem caráter destacado em MS8. Entre essas informações, sobressaem aquelas que dão conta de alterações de caráter político, jurídico, social e administrativo pelas quais passa o país, cuja República fora proclamada no mesmo ano ou no ano seguinte à edição. O primeiro volume da oitava edição foi editado em duas datas distintas, 1889 (“nova edição revista e

⁶ Busca possível a partir da versão digitalizada de MS7 pela Fundação Casa de Rui Barbosa, cujo portal está em fase de testes. O acesso ao público externo da Fundação está previsto para 2016.

melhorada”), e em 1890, que informa ser aquela a “oitava edição revista e melhorada”.

CAHIR, ou antes CAIR, [...] § *Cairem as instituições*; mudar a organização política de um Estado: passando, v. g. da *Monarchia* para a *Republica*, **como succedeu no Brazil em 15 de novembro de 1889.** [...] (MS8)

CONSÊLHO, s. m. [...] § *Conselho*; [...] **N. B.** O *conselho de Estado politico* é meramente consultivo; o rei conforma-se ou não com o parecer do *conselho de Estado*. Ha mesmo na linguagem official duas formulas, que indicam ter o rei concordado ou não com o parecer do *conselho*; essas formulas são: *Hei por bem, concordando com a opinião do conselho de estado*; ou *Hei por bem, ouvido o conselho de estado*. **No Brazil o conselho de Estado foi abolido com a inauguração da Republica** § [...] (MS8)

CULTO, s. m. [...] § *Lei de liberdade de cultos*; a que applica este principio, inscrevendo-o como um direito no codigo social, e derivando d’elle todas as consequencias na constituição da familia. **A decretação d’esta lei foi um dos primeiros actos da nova Republica Brasileira.** (MS8)

A opção por essa temática não é exclusiva para a condição do Brasil. Aspectos legais e administrativos de Portugal são constantemente trazidos à microestrutura do dicionário por meio de informações enciclopédicas (ver *corpo, correcional*), de locuções ou de exemplos. A inclusão de informações de caráter administrativo e político que assinalam a distinção das realidades ou das denominações entre Brasil republicano e Portugal é cuidadoso, e estende-se por toda a *nominata*.

CÔRPO, s. m. [...] § *Corpos de mão morta*; as associações perpetuas, cujos bens pela antiga legislação eram inalienaveis. **Em Portugal não pódem elles hoje adquirir ou conservar bens de raiz; no Brazil ainda a lei o não prohibio; mas a propriedade**

imovel de taes corporações, é por isso sobrecarregada de maiores impostos. § [...] (MS8)

CORRECCIONÀL, adj. 2 gen. [...] § *Pena correccional*; a que é imposta ao réu condemnado em policia correccional. **Em Portugal essa pena consiste** em prisão, que póde ir até ao maximo de seis mezes, podendo ser no todo, ou em parte, remivel a dinheiro, ávontado do juiz. **No Brazil não ha ainda tribunaescorreccionaes.** § [...] (MS8)

LÈI, (ou LÈY, antiq.) s. f. [...] § *Leis estadoaes*; as que **na actualorganizaçãopolítica do Brazilsão** decretadas para cada Estado pelos respectivos congressos. (MS8)

Os conteúdos desse cunho não se circunscrevem a acontecimentos e regimes contemporâneos. Assim, regulações e fatos ultrapassados constituem-se em elemento que deve ser ensinado ao consulente, seja em forma de exemplo ou de acréscimo na definição.

CADÈTE, s. m. Filho não primogenito [...] § Soldado nobre, que gozava de certas distincções*RegulMilit.* § **Hoje estão** extinctos em Portugal os antigos *cadetes*, e em seu logar se criaram no exercito os aspirantes a official, que já não precisam provar nobreza de nascimento, mas sim outras qualidades, estudos, etc. [...] § **No Brazilha ainda cadetes**, mas essa distincção não é representativa de nobreza, mas de outras qualidades como estudos, etc. (MS8)

CÒNGRUA, s. f. Remuneração, que por meio de contribuição, se dá a curas [...] § **No Brazil**, decretada pela Republica a separação da Igreja e do Estado, **ficaram extinctas todas as congruas.** (MS8)

CENTRALIZAÇÃO, s. f. [...] § *Centralização administrativa*; systema de administração publica, em que os negocios são todos resolvidos pelo governo central § *Centralização política*; systema de governo em que a politica é dirigida de um unico centro por meio de agentes da escolha e confiança do governo central. **No Brazil, durante o imperio era absoluta a centralização politica e administrativa.** (MS8)

CHIBÁTA, s. f. [...] § Vara delgada e comprida, com que se dão castigos corporaes, **no Brazil já completamente abolidos, e em Portugal conservados ainda por excepção na marinha.** § [...] (MS8)

Este tipo de didatismo é notado com muita clareza nos verbetes que se referem à escravidão dos negros, então recém-abolida no Brasil. É fato que, visivelmente, ecoou por todo o dicionário, seja na atualização das informações, simplesmente colocadas no pretérito, para indicar que era algo que não mais existia (em *capitães de campo* ou *do mato*, lê-se, em MS7, “os que apanham, e prendem os negros fugidos”; em MS8, “os que apanhavam, e prendiam os negros fugidos”), seja destacando a obsolescência dos fatos nomeados pela palavra-entrada (cf. *aquilombar-se*) ou esclarecendo sobre a nova condição social e jurídica dos negros no Brasil (cf. *liberto e moleque*).

AQUILOMBÁR-SE, v. ref. (t. do Brazil) Refugiar-se, occultar-se o escravo em quilombo. § NB. **Não havendo já escravos no Brazil esta palavra e as duas anteriores só podem hoje ter uma applicação retrospectiva,romantica ou historica.** (MS8)

LIBÉRTO, A, adj. ou s. [...] Que era escravo, e se acha livre, forro. [...] § **Os escravos que foram livres no Brazil pela lei de 13 de maio de 1889 não são libertos, são cidadãos como quaesquer outros no pleno gozo de todos os direitos civis e politicos.** (MS8)

MOLÉQUE, s. m. [...] (t. do Brazil) Preto pequeno, e escravo. **Dizia-se** tambem do mulato, e **era** injuria applicar este termo aos livres. **Terminada a escravidão** continuou o termo a ser do mesmo modo applicado para designar os rapazes de côr, e mesmo brancos, sem educação, garotos. § [...] (MS8)

O texto definitório desses verbetes é permeado por comentários opinativos, deixando claro o ponto de vista do redator sobre a situação nomeada pelo item lexical (o que, como também é consabido, hoje se evita em textos lexicográficos). Em *Partido da abolição*, unidade léxica que não caberia em um dicionário de língua, mas em um dicionário enciclopédico ou de história, os adjetivos “patriótico e humanitário” traduzem a interpretação de um enunciador favorável à emancipação dos negros escravizados. O mesmo dá-se na definição do substantivo *negreiro*, em que a classificação do indivíduo como “infame” é juízo acrescentado pelo dicionarista responsável pelo texto desse verbete na oitava edição. Aqui o dicionarista desvia-se do padrão de texto lexicográfico quando se posiciona explicitamente, referindo “quem escreve estas linhas”. As informações acerca da escravidão de brancos, adicionadas por “quem escreve”, são obscuras.⁷

ABOLIÇÃO, s. f. Acção, ou efeito de abolir [...]§ *Partido da abolição*; o partido **patriótico e humanitário**, que no Brazil sustentou a liberdade dos escravos até á sua libertação. § *Lei da abolição*; a lei de 13 de maio de 1888, que declarou livres sem condição alguma todos os escravos existentes a essa data no Brazil. (MS8)

NEGRÊIRO, s. m. Indivíduo **infame**, que negocea em escravatura, em compra e venda de escravos, negros, mulatos ou brancos. **Quem escreve estas linhas**, viu no Brazil, **ainda nos ultimos dias da escravidão**, escravos que iam ser vendidos tão brancos e louros

⁷ Embora tenha havido escravidão de mestiços cuja cor não era necessariamente negra, o comércio de escravos estava praticamente extinto quando da Abolição.

como europeus do norte. § Usava-se adj.: v. g. *navio negreiro*: o que se empregava no tráfico da escravatura. (MS8)

Os exemplos a seguir ilustram outros casos em que houve inserção de comentários ou acepções relacionados ao tema abolição: em *carregador*, o sentido específico para “preto ou escravo”, constante na sétima edição, foi eliminada a partir da oitava. Tal opção dá a entender que extinta a função, o uso da palavra se extinguiria. Tal como está dito, sem meias palavras em *alugada*.

CARREGADOR, s. m. [...] § Preto, ou escravo, que carrega cadeirinha no Brasil, e quaesquer carretos de ganho, v. g. lenha, farinha, fructas das praças para as casas, etc. (MS7)

ALUGÁDA, s. f. (no Brazil) Criada. § *Uma alugada*; **antes da lei da abolição**, dizia-se principalmente da escrava que não era propria, que era de outrem, tomada por soldada; era *alugada*, não era *comprada*. **A expressão** tem essa significação implicita; todavia, está ainda em uso, para significar qualquer criada, mas **tende a desaparecer, como a escravidão que a adoptou, visto faltar-lhe aquelle sentido fundamental**. (MS8)

Os exemplos de uso são, outrossim, espaços em que os responsáveis pela edição deixam entrever a relevância dada ao tema escravidão-abolição.

CONCÚRSO, s. m. [...] § O acto de concorrencia para algum resultado: *Dei tambem o meu concurso para a conquista da liberdade dos escravos*.(MS8)

MAS, [...] § (como subst. m.) Dificuldade, obstaculo: “**à imediata e incondicional libertação dos escravos no Brazil, sempre os negreiros, disfarçados em falsos abolicionistas, oppunham um mas, que importava o adiamento, senão a condemnação da patriótica e humanitariaidéa.**” § [...] (MS8)

O comentário aposto à segunda acepção de *hilota*, um sentido extensivo do primeiro, e ausente na sétima edição, ilustra a relevância do tema, mesmo quando não se referisse à escravidão no Brasil.

ILÓTAS, s. m. pl. (t. de h. antig.) Assim chamavam em Lacedemonia aos escravos; [...] § Diz-se de um povo reduzido á escravidão, ou do proletariado **lançado na miseria por leis obnoxias, só inspiradas nos preconceitos sociaes, que ainda hoje predominam nas classes dirigentes.** (MS8)

As informações extralinguísticas de caráter opinativo não se restringem aos temas acima comentados. Nas demais ocorrências encontradas no trecho da *nominata* compreendido pelas entradas iniciadas com “c”, os comentários não contribuem para o valor conotativo ou denotativo da palavra, mas à relevância atribuída à coisa descrita. O adjetivo “ignobil” em *cáften*, e o ponto de vista acerca dos que jogavam capoeira reprovam tais atividades, não o termo que as nomeia. No caso de *capoeira*, essas opiniões excedem-se. No caso de *cáften*, o adjetivo “ignobil” pode passar despercebido.⁸

CÁFETEN, s. m. (t. us. no Brazil) Homem **ignobil**, que negocea com a protituição das mulheres. (MS8)

CAFETINA, s. f. A mulher que exerce a mesma profissão **ignobil** do cafeten. (MS8)

CAPOEIRA, s. f. [...] § (t. do Rio de Janeiro.) Especie de jogo athletico para defeza e ataque corporal, predilecto das ultimas

⁸ Os textos desses dois verbetes reproduzem com bastante fidelidade as definições e opiniões contidas no *Diccionario* de Beaurepaire-Rohan.

camadas sociais, e que consiste em rápidos movimentos de mãos, pés, cabeça, acompanhados de pau ou navalha, de que resulta muitas vezes a morte de um ou mais dos lutadores. § – s. m. O que faz uso do jogo da capoeira. **Os que são conhecidos por esta designação são verdadeiros assassinos; matam só pelo prazer de matar, servindo-se para esses crimes da navalha de barba; tendo exercido o officio de *capangas* foram por muito tempo estes miseráveis protegidos pelos antigos chefes políticos, que d’elles faziam seus agentes eleitoraes; no momento porém em que escrevemos estas linhas estão soffrendo uma perseguição tão energica que se espera ver em pouco tempo de todo extirpado este cancro social.** § [...] (MS8)

A reprovação à capoeiragem acontece em todo o século XIX, mas “será apenas em 1890 que a prática da capoeira se constituirá como um crime, permanecendo como tal até a década de 1930, quando será liberada pelo Estado Novo” (REIS, 1994, p. 222). Nota-se, no texto de MS8, mais uma vez, a preocupação em dar informes atualizados (“no momento porém em que escrevemos estas linhas”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seleção das informações nas três referidas edições do dicionário de Antônio de Moraes Silva são indicadoras de que fatores externos variados influenciaram as modificações imprimidas nas suas macro e microestrutura.

Em MS4, o ponto de vista do lexicógrafo pendula entre o de um dicionarista português e o de alguém que se deixa entrever como “brasileiro” (além de natural, morador do Brasil), não só por ser mais sensível para perceber sentidos e usos da antiga

colônia, mas por deixar “escapar” em seu texto marcas desse uso, talvez um certo gosto por dizer o que aqui existe ou acontece.

A sétima edição é bastante acrescida em número de verbetes e acepções.⁹ É a primeira a demonstrar atenção explícita ao Brasil, na folha de rosto e no texto introdutório, mas essa atenção não altera a natureza dos conteúdos aqui observados. São reproduzidos, com ligeiras adaptações, os dados enciclopédicos, os exemplos de uso (de cunho do lexicógrafo ou coletado em texto de outrem) da quarta edição. A parcimônia na adição de comentários extralinguísticos deve-se, em parte, ao fato de a inclusão de itens lexicais relativos ao Brasil ter sido feita com base apenas no que o *Vocabulário* de Rubim pudesse oferecer. E as acepções de Rubim pautam-se por definir sinteticamente e pela ausência de exemplos ou marcações de uso.

Em MS8, a quantidade de informações de matiz enciclopédico (anotadas em forma de comentários, de acepções¹⁰ e de locuções) parece exorbitar da relativa contenção das edições do dicionário de Moraes, com relação a essa característica lexicográfica.¹¹ O registro desses dados imprime marcas de civilização, de organização público-administrativa, à sociedade brasileira. De certo modo, as instituições do país são colocadas

⁹ Não foi possível, para este estudo, distinguir campos semânticos privilegiados por MS7, em comparação com as edições anteriores.

¹⁰ Entre as acepções que se desviam daquelas esperadas para um dicionário de língua estão as de *Carioca* (“pequeno rio [...]”), *Aqueducto da Carioca* (“importante obra de arte, construída no século passado [...]”) e *Catete* (“um dos mais opulentos bairros da capital [...]”). Essas acepções não constam mais na nona edição.

¹¹ Sobre este tema nas primeiras edições do dicionário de Moraes, cf. Verdelho (2003).

ao par das portuguesas e europeias. O grande número de dados extralinguísticos contrasta, entretanto, com as poucas informações acerca do contexto de uso dos termos brasileiros (comprovada pela quase total ausência de exemplos de uso e de abonações nos “termos do Brasil”) e com a não incorporação de autores brasileiros como testemunho abonado de uso da língua. Trata-se de informações que pouco acrescentam sobre o significado dos termos em questão, sobre as escolhas lexicais brasileiras, sobre os novos significados que termos vernáculos adquiriram na ex-colônia.

As observações linguísticas (pronúncia, equivalência semântica, etimologia) contidas nos brasileirismos que foram dicionarizados por MS8 (sendo o primeiro registro em um dicionário de língua geral) são adaptadas das propostas feitas por Beaufrepaire-Rohan. Os editores dos dicionários acatam também o estilo de definição dado aos verbetes, assim como algumas opiniões (compare-se a redação do verbete *capoeira*).

Conclui-se, então, que, embora tenha havido um esforço por se dar valor ao registro de informações sobre o Brasil, os dados acrescentados pelos editores da oitava edição são predominantemente de caráter enciclopédico, ou seja, descrevem a realidade dos Estados Unidos do Brasil, novíssima designação do país, após a Proclamação da República. Dados enciclopédicos são fartamente distribuídos pela macro e microestrutura,

indicando atualização dos conhecimentos sobre o Brasil, mas deixando o conhecimento acerca do léxico brasileiro ainda em segundo plano. A pesquisa sobre esses novos dados couberam, mais uma vez, aos lexicógrafos brasileiros, com contribuições cujo alcance mais amplo e legitimado depende dos dicionários gerais de língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUREPAIRE-ROHAN. *Diccionario de vocábulos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Inicialmente publicado em *Gazeta Litteraria*, 1883-1884.

CARMO, Laura Aparecida Ferreira do. *O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX*. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Rio de Janeiro, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em:

http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=903

4. Acesso em: ago. 2015.

FINATTO, Maria José Bocorny. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. *Organon*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, 1998. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29563/18263>.

Acesso em: ago. 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

MURAKAWA, Clotilde Almeida de Azevedo. A competência linguística na construção de dicionários: o caso de Antônio de Moraes Silva. In: ISQUERDO, Aparecida N.; SEABRA, Maria Candida T. Costa de. (Org.). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, v. 6, p. 315-332, 2012.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. A capoeira: de “doença moral” à “gymnástica nacional”. *Revista História*, São Paulo, n. 129-131, p. 221-235, ago.-dez. 1993 a ago.-dez. 1994.

RUBIM, Braz da Costa. *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, 1853.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Impressão Regia, 1831.

_____. *Diccionario da lingua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1877-1878. 2 v.

_____. *Diccionario da lingua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1890-1891. 2 v.

VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna. In: *História da língua e história da*

gramática. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, 2003. p. 473-490. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/publicacoes/Dicionario_Morais_Silva.pdf. Acesso em: fev. 2015.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de lalingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. Biblioteca Románica Hispánica. p. 259-328.